

VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL EM P6 NA FALA DE FLORIANOPOLITANOS DA PRAIA DOS INGLESES

*Lidiomar José Mascarello**

Resumo: O presente artigo trata de uma investigação da variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala de florianopolitanos residentes na comunidade dos Ingleses, situada ao Norte da Ilha de Santa Catarina. Apoiados no referencial teórico da sociolinguística variacionista, analisamos fatores que condicionam a variação do fenômeno em questão. Os dados analisados são referentes a uma amostra de seis entrevistas, algumas do banco de dados do Projeto VARSUL (3) e outras (3) realizadas por alunos do programa de Pós-Graduação em Linguística, observando as mesmas condições de coleta do VARSUL. Verificamos que o fenômeno da variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural está condicionado tanto por fatores internos, linguísticos, quanto por fatores externos, sociais.

* Universidade Federal de Santa Catarina

Palavras chave: Variação. Concordância verbal. Fatores linguísticos / sociais.

Concordância Verbal no Português Brasileiro (PB)

Segundo definição do dicionário de linguística, a concordância é um princípio linguístico vigente em

muitas línguas, em que determinante e determinado são adequados a categorias e a regras gramaticais.

Dá-se em gramática o nome de concordância à circunstância de um adjetivo variar em gênero e número de



acordo com o substantivo a que se refere (concordância nominal) e a de um verbo variar em número e pessoa de acordo com o seu sujeito (concordância verbal) (CAMARA JR. 2007, p. 93).

Há, não obstante, casos especiais que se prestam a dúvidas. Observa-se que concordância vem do verbo concordar, ou seja, é um acordo estabelecido entre termos. O caso da concordância verbal diz respeito ao verbo em relação ao sujeito: o primeiro deve concordar em número (singular ou plural) e pessoa (1^a, 2^a, 3^a) com o segundo.

Ao observar as definições dadas para o fenômeno da concordância, este parece até algo bem simples. Vejamos:

Concordância verbal consiste no estudo do verbo quanto à maneira como ele deverá surgir na frase (singular ou plural), dependendo de qual elemento seja o sujeito da oração, ou até dependendo da própria existência do sujeito. Se o sujeito for um substantivo singular, o mesmo ocorrerá com o verbo; se for um termo no plural, o verbo também o será. Por exemplo: “O prédio ruiu”; “Os bombeiros chegaram”. Para se encontrar o sujeito, pergunta-se ao verbo “Que(m) é que...?”. (CATARINO, 2010, p.01).

O que se constata, no entanto, é que não é algo tão regular

e que existe muita variação, principalmente na linguagem verbal oral.

Há alguns anos que linguistas elaboram estudos sobre a variação da concordância verbal, estudos estes motivados por preocupações diversas, mas que compartilham uma ideia comum, que pode ser assim formulada: a realidade linguística brasileira não é apenas variável e heterogênea, mas também é plural, na medida em que, no Brasil, coexiste, ao lado de uma variedade culta, padrão, outra variedade dita não-padrão, popular, vernacular. Estudos sobre aplicação/não-aplicação da regra de concordância verbal no português não-padrão foram realizados por, entre outros, Lemle e Naro (1977), Naro (1981), Guy (1981), Bortoni-Ricardo (1981, 1985, 2002, 2005), Baxter e Lucchesi (1993). Na região sul, especificamente em Florianópolis, a primeira pesquisa realizada sobre variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural foi realizada por Monguilhott em 2001. Esses estudos foram baseados no pressuposto de que o português popular brasileiro, ou não-padrão, é aquela variedade mais utilizada por brasileiros provenientes da zona rural ou quando de zona





urbana, analfabetos ou de baixo nível de escolarização.¹ É sabido, principalmente para os linguistas, que todos possuímos e utilizamos o vernáculo, mas parece que no contexto descrito acima há uma maior manifestação da variação.

Os resultados das pesquisas sobre concordância verbal indicam como fatores não linguísticos significativos: a escolaridade do sujeito, a idade do sujeito, o sexo e a ocupação. Sujeitos mais escolarizados, mais velhos e profissionalmente ativos em profissões de maior evidência social e maior contato com cargos denominados importantes socialmente (advogados, apresentadores de telejornal, dentistas, médicos, cargos políticos, etc.) tendem a realizar menos variação e mais concordância. E como fatores linguísticos, os mais evidentes são: a saliência fônica, a posição e o tipo de sujeito em relação ao verbo. Quanto maior a saliência fônica menor é a variação opondo-se a menor saliência maior variação. Quanto à posição do sujeito, sujeito

anteposto ao verbo favorece a concordância e sujeito posposto desfavorece a concordância. Quanto ao tipo de sujeito: quanto maior a animacidade [+humano] do sujeito menor a variação e maior concordância e quanto menor a animacidade [-humano] do sujeito maior a variação e menor a concordância.

A maioria dos estudos encontrados em nosso levantamento de dados demonstra que há uma maior concentração de pesquisas na variação de terceira pessoa, pois é onde os indicadores de variação são mais elevados.

Metodologia

Os dados analisados são decorrentes de entrevistas realizadas com moradores Residentes no Bairro dos Ingleses, Florianópolis, Santa Catarina. Indivíduos de descendência açoriana que nasceram, cresceram e vivem na comunidade. As entrevistas foram realizadas por um grupo de alunos da disciplina de Sociolinguística do programa de Pós Graduação em Linguística da UFSC e por Isabel de O. Monguilhott. Para este artigo foram selecionadas seis entrevistas, sendo três realizadas por Isabel de O. Monguilhott e três

¹ RODRIGUES Angela C. Souza. Concordância Verbal, Sociolinguística e História do Português Brasileiro – Universidade de São Paulo. 2004. Publicado no *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 4, n.1 p. 115-145, julho de 2004



realizadas pelos alunos do Programa de Pós-Graduação. As entrevistas foram gravadas com minigravador digital e adicionadas ao banco de dados do Projeto VARSUL.

Por se tratar de um trabalho de pesquisa breve, serão considerados, a partir do décimo minuto de gravação, apenas os cinquenta primeiros dados de cada informante, ou quantos dados constarem até o final da entrevista caso o número seja inferior a cinquenta. Fizeram parte da coleta: três informantes com Ensino Fundamental incompleto, com, no máximo, seis anos de escolaridade e três informantes com Ensino Superior completo. Além da escolaridade, outra variável externa controlada foi a idade dos participantes. Três dos informantes são jovens adultos de até trinta e dois anos e três são adultos acima de cinquenta anos.

A hipótese aqui apresentada, em relação aos fatores não linguísticos, é que: indivíduos com maior tempo de escolarização apresentam um índice menor de variação e não concordância verbal, e sujeitos com menor tempo de escolarização apresentam um índice maior de variação e não concordância verbal em seus discursos, variação

esta comparada à gramaticalidade da variante padrão do português brasileiro.

Outra hipótese de natureza social é que pessoas com mais idade tendem a fazer mais concordância verbal, enquanto que pessoas mais jovens tendem a fazer menos concordância verbal.

Tendo em vista que a variação da concordância verbal é um fenômeno que acontece de norte a sul do país e, tendo sido estudada por vários pesquisadores, alguns citados nas observações iniciais, em relação aos fatores linguísticos, propõem-se a testar os principais grupos de fatores já evidenciados como os mais importantes condicionadores da variação da concordância verbal: a ordem do sujeito, anteposto e posposto ao verbo, a saliência fônica [+ saliência] e [- saliência] e o traço humano do sujeito [+humano] e [-humano]. A hipótese é que o sujeito posposto leva à ocorrência de menos concordância, enquanto o sujeito anteposto, à ocorrência de mais concordância, bem como o traço [+humano] leva a mais concordância e [-humano] a menos concordância. E, quanto mais saliente a flexão, maior é a marcação de concordância





e quanto menos saliente menor é a marcação de concordância.

Para o tratamento quantitativo dos dados, utilizou-se os programas computacionais conhecidos na literatura pertinente como GoldVarb, na sua versão 2001 e Excel 2007.

Inicialmente apresenta-se uma discussão acerca da estrutura do verbo no português brasileiro. Na sequência, análise dos dados e considerações finais.

A Estrutura do Verbo no Português Brasileiro

O paradigma de conjugação verbal vem sofrendo profundas e consideráveis modificações no português do Brasil e muitos estudos preocupam-se com essa modificação. Segundo Monteiro, a chamada segunda pessoa do plural já desapareceu praticamente da língua falada, e conseqüentemente pouco tem aparecido na língua escrita, e as desinências número-pessoais estão sofrendo um processo de neutralização. Essa neutralização ocorre em função da

introdução de outras formas pronominais como você(s) e a gente, o que na fala simplifica enormemente a conjugação verbal, que pode ser exemplificada do seguinte

modo: eu, você, ele, a gente cantava; vocês, eles cantam. (MONTEIRO, 2002, p. 109)

Além disso, ainda segundo Monteiro (2002, p.109), também está havendo mudanças no quadro dos tempos verbais:

o mais-que-perfeito simples já é raramente usado, o futuro do pretérito muitas vezes é substituído pelo imperfeito do indicativo, o próprio futuro do presente está sofrendo queda de frequência em favor do presente do indicativo e de construções perifrásticas. (MONTEIRO, 2002, p. 109)

Feitas essas ressalvas, passemos a observar a estrutura verbal a partir de um padrão geral, na ótica de Mattoso Câmara (1985, p.104). Segundo ele, temos uma fórmula geral da estrutura do vocábulo verbal português:

T (R + VT) + SF (SMT + SNP)

Onde (T) é o tema do verbo, (R) é o radical, (VT) é a vogal temática, (SF) é o sufixo flexional, (SMT) é o sufixo modo-temporal e (SNP) é o sufixo número-pessoal. “Levando-se em conta a alomorfia de cada um dos sufixos flexionais e a possibilidade de zero (∅) para um deles ou ambos, tem-se nesta fórmula a regra geral da constituição morfológica do verbo português.” (CÂMARA, 1985, p.104)



Depreendemos daí que o verbo apresenta duas partes, uma invariável e outra sujeita ao mecanismo flexional. A invariável é constituída pelo radical e pela vogal temática, constituindo assim o tema do verbo. É a partir da vogal temática, geralmente tônica, que se agrupam os verbos em três grandes conjuntos ou conjugações em que /a/ indica primeira conjugação, /e/ indica segunda conjugação e /i/ indica a terceira conjugação, identificadas por Câmara Jr. (1985, 105-109) como CI, CII e CIII.

1ª conjugação – verbos terminados em “ar”. Exemplos – morar, beijar, casar.

2ª conjugação – verbos terminados em “er”. Exemplos – vencer, comer, perder.

3ª conjugação – verbos terminados em “ir”. Exemplos – partir, dormir, subir.

O tema pode ser ampliado com afixos: T= Rd (P+R) + VT. Ou T= Rd (R+SD) + VT. Na fórmula, (T) é o tema, (Rd) é o radical, (P) é o prefixo, (R) é a raiz, (VT) é vogal temática, (SD) é sufixo derivacional. Exemplos: [re[faz]e[r]] [refazer], [re[des[cobr]i]r]] [redescobrir] , [[hab]ilit]a[r]] [habilitar], [[[leg]al]iz]a[r]] [legalizar].

A parte variável ou flexional se constitui pelos sufixos modo-temporais e número-pessoais, indicando as noções gramaticais dos vocábulos verbais. Depreendem-se daí as categorias verbais de modo: indicativo, subjuntivo e imperativo; de tempo: presente, pretérito ou passado subdividido em imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito, futuro do presente e futuro do pretérito; de pessoa: primeira (falante), segunda (ouvinte), terceira (assunto ou de quem se fala) no singular e no plural. Câmara Jr. (1985, p. 109) denomina P1, P2, P3 as pessoas no singular e P4, P5 e P6 as pessoas no plural. Por fim, a noção de número: singular e plural.

As noções gramaticais dos verbos em português estão relacionadas a ou são definidas por dois morfemas flexionais, onde um caracteriza o tempo e modo e outro pessoa e número. Segundo Câmara Jr, (1985, p.97) “o segundo não é propriamente verbal, pois serve para assinalar [...] a pessoa pronominal do sujeito, [...] o ser de que parte o processo verbal.”

As marcas de pessoa e número no Português Brasileiro

De acordo com o padrão geral do português brasileiro, temos seis



sufixos marcadores número-pessoais que servem para indicar o sujeito falante, o sujeito ouvinte, o ser ou objeto de que se fala no singular e no plural.

Estudos de variação linguística mostram que P5, ou segunda pessoa do plural [vós], raramente aparece na língua (apenas em circunstâncias especiais de

escrita), alguns chegam a afirmar que desapareceu; quanto às P3 e P5, elas também são utilizadas como 2ª pessoa do discurso, ou seja, o sujeito ouvinte, em virtude do emprego cada vez maior de você(s).

Desinências número-pessoais, de acordo com Câmara Jr (1985, p. 97-109) e Monteiro (2002, p. 109-120) observa-se:

Pessoa	Pres Ind.	Pret. Imperf.	Pret. Perf.	Pret. +Q Perf.	Fut Pres. Ind.	Fut Pret. Ind.	Pres. Subj.	Imperf. Subj.	Fut Subj.	Inf Pess.
P1Eu	o/ou	∅	i / ∅	∅	i	∅	∅	∅	∅	∅
P2Tu	s	s	ste	s	s	s	s	s	s	s
P3Ele	∅	∅	u	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅
P4Nós	mos	mos	mos	mos	mos	mos	mos	mos	mos	mos
P5Vós	is/s/des	is	stes	is	is	is	is	is	des	des
P6Eles	m	m	m	m	m	m	m	m	m	m

Tabela 01: marcadores número-pessoais

Na tabela acima, considerando como fundamentação teórica a ótica de Câmara Jr (1985), identifica-se que em P1 há uma predominância do morfe zero [∅] na desinência número-pessoal e ocorre também alomorfia no indicativo presente [o/ou] e [i] no futuro do presente e no pretérito perfeito. Em P2 temos a presença de [s], com a tendência atual de apagamento em geral e alomorfia [ste] no pretérito

perfeito do indicativo. Em P3, a marca predominante é de morfe zero [∅], com alomorfia [u], no pretérito perfeito. Em P4, a marca geral é [mos], sem variações. Em P5, a marca predominante é [is], com a presença de alomorfia em [stes] no pretérito perfeito do indicativo, [ês] no futuro do subjuntivo, no infinitivo pessoal e no presente do indicativo e ainda [s] no presente do indicativo. Em P6 a marca geral é [w] nasalizado



por [m]: segundo o mesmo autor é alomorfa fonologicamente condicionada.

As marcas de tempo e modo no Português Brasileiro

A referência ao tempo pode ser feita de várias formas, e, sob diferentes perspectivas teóricas, umas mais filosóficas e abstratas outras mais linguísticas, como é o caso da morfologia que direciona o olhar para os marcadores morfológicos dos verbos. Há vários enfoques para a representação da categoria de tempo, seja o tempo cronológico, caracterizado por um ponto em contínuo deslocamento em direção ao futuro, ou o tempo psicológico, que não tem duração constante e uniforme porque existe em função do mundo interior dos indivíduos, ou ainda o tempo gramatical que, no caso do português, é caracterizado por um radical acrescido dos morfemas típicos. (CORÔA, 2005, p. 23-24). No entanto, todos nos preocupamos em entender a passagem do tempo e de que forma identificamos a sua passagem.

Existem muitas línguas, principalmente as românicas, e as germânicas, que atribuem a um vocábulo o conceito de tempo ou

temporalidade. Esse vocábulo é o verbo, que é diferenciado dos outros pelos morfemas temporais quando o “falante/ouvinte pode se situar temporalmente quanto ao desenvolvimento das ações, eventos ou processos, sua ordenação e sua posição com respeito a si mesmo (falante/ouvinte)” (CORÔA, 2005, p. 33).

Existem muitos linguistas e gramáticos que procuram definir e conceituar o vocábulo verbal como, por exemplo, Cunha 1970

verbo é a palavra que exprime um fato (ação, estado ou fenômeno) representado no tempo. E o *tempus*, por sua vez, é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo. (CUNHA, 1970, *apud* CORÔA, 2005, p. 33)

Podemos perceber, portanto, que existe dinamicidade no verbo: tanto em seu conteúdo semântico quanto em sua estrutura morfológica, existem morfemas que expressam significações específicas, por exemplo, o [va] do vocábulo *vamos*, não tem o mesmo valor de [va] em *falávamos*, ainda que fonologicamente produzidos de forma muito semelhantes. Mais do que perceber a dinamicidade do verbo é preciso





perceber nele a expressão da temporalidade.

Em função da complexa estrutura dos verbos, muitas vezes, parece algo muito complexo para ser ensinado a crianças nas séries iniciais, mas se partirmos da noção de temporalidade, que elas já têm desenvolvido, e utilizarmos como meio as narrativas, provavelmente esse processo de ensino/aprendizagem no quesito verbos e suas concordâncias será facilitado.

Medimos o tempo enquanto passa, pela consciência que temos dele, pois o passado, que não é mais, o futuro, que não é ainda, e o presente, que não tem extensão, não podem ser medidos, a menos que se diga que o nada pode ser medido. Na verdade, é quando o tempo passa que pode ser sentido e medido, pois, tendo passado, como não é mais, não é mensurável. Ninguém ousaria dizer que o passado e o futuro não existem, pois seu ser está ligado à linguagem, uma vez que as pessoas podem prever o futuro e narrar o passado. (FIORIN, 2008, p.131).

Para Benveniste (1974), existe diferença entre situar um acontecimento no tempo e o tempo da língua. Para ele (1974 *apud* Fiorin 2008, p. 142), “o tempo linguístico é irreduzível, há um tempo específico da

língua, pois está diretamente ligado ao exercício da fala, que se ordena e se define como função do discurso”. Ainda segundo o mesmo autor, o tempo linguístico tem as próprias divisões em sua própria ordem, independente do tempo cronológico, e isso pode provocar alguns problemas para o processo de ensino/aprendizagem. Um exemplo é quando não ocorre simultaneidade do tempo linguístico com o tempo cronológico e os advérbios não dão conta de demarcar o tempo, sendo necessário que se utilizem outros sistemas que indiquem a temporalidade, no caso, a estrutura e organização verbal com suas flexões e seus marcadores.

Contudo, é próprio da narrativa abarcar os diferentes momentos dos acontecimentos. Normalmente é construída com vários personagens: além da noção de temporalidade dos verbos, permite desenvolver a noção de quantidade (singular e plural) e concordância verbal, que são conceitos metalinguísticos significativos que acompanham toda a vida do sujeito, seja em contexto escolar ou fora dele.

De acordo com a estrutura morfológica dos verbos, podemos verificar na tabela abaixo, organizada



a partir dos conceitos morfológicos de temporais do português no padrão Monteiro (2002, p.109 a 120), as marcas de desinências modo-

Pessoa	Pres. Indic.	Pret. Imperf. Indic.	Pret. Perf. Indic.	Pret. +Q Perf.	Fut. do Presen. Ind.	Fut. do Pret. Ind.	Pres. Subj.	Imperf. Subj.	Fut. Subj.	Inf. Pess. Conj.
P1	∅	va/a	∅	ra	re	ria	e/a	sse	r	r
P2	∅	va/a	∅	ra	rá	ria	e/a	sse	re	re
P3	∅	va/a	∅	ra	rá	ria	e/a	sse	r	r
P4	∅	va/a	∅	ra	re	ria	e/a	sse	r	r
P5	∅	vê/e	∅	re	re	rie	e/a	sse	r	r
P6	∅	va/a	ra	ra	rã	ria	e/a	sse	re	re

Tabela 02: Desinências modo-temporais

Infinitivo Pessoal			Particípio			Gerúndio		
RRd	VVT	DDMT	RRd	VVT	DDMT	RRd	VVT	DDMT
c	a	r		a	do		a	ndo
v	e	r		i	do		e	ndo
p	i	r		i	do		i	ndo

Tabela 03: Desinências modo-temporais nas formas nominais.

De acordo com Cohen *apud* Câmara Jr: (1972, p. 140), o processo de percepção e desenvolvimento da noção de temporalidade na língua ocorre em relação ao momento da fala, portanto é subjetiva, “só tem sentido para o sujeito falante, que concebe o tempo de maneira abstrata, como uma linha ideal, e aí traça divisões em relação a si mesmo (no momento da fala)”. E é necessário que se tenha essa compreensão, pois é ele o eixo das conjugações verbais, para daí desenvolver gradativamente o processo que deixa o sistema mais simples usual da língua oral, que “opõem apenas, entre si, um presente

e um pretérito” (CÂMARA, 1985, p. 100) para então iniciar-se um processo mais complexo de identificação de outros modos temporais, ainda que pouco utilizados na oralidade.

Tendência ao apagamento de pessoa e número

Se tomarmos como referência estudos diacrônicos, podemos perceber que uma das maiores heranças latinas para as línguas romances se manifesta nas flexões verbais. Ainda que, o que encontramos hoje na língua portuguesa, especialmente no





português brasileiro, esteja passando por mudanças de paradigmas bem significativas. Mas estas mudanças também são resultado de um longo processo de apagamento das oposições distintivas, tanto das flexões verbais latinas quanto das gregas, que constituíam um quadro que caracterizava, com bastante clareza, as relações com as chamadas pessoas gramaticais, de um lado, e, com as noções gramaticais de tempo e modo, de outro. Esse conjunto de morfemas perfazia um sistema fechado, fixo e comum a todos os verbos, salvo os irregulares: os poucos alomorfes observados não passavam de pequenas adaptações condicionadas pelo contexto fonológico.

Esse sistema fechado dos morfemas número-pessoais, invariavelmente os últimos da sequência da estrutura formal dos verbos, podia ser considerado funcionalmente perfeito no latim, tanto que não se faz necessário qualquer outro índice para determinar a pessoa e o número correspondentes. Os pronomes pessoais, na função de sujeito, eram totalmente dispensáveis no latim literário, tanto que seu emprego constitui de fato um pleonasma geralmente vicioso, por

implicar dupla expressão da mesma relação, o que repugna à conhecida concisão daquela norma. Obviamente, não se excluem casos estilísticos especiais, como a ênfase e o contraste, em que se justifica o pleonasma. No latim vulgar, distante da síntese e da sobriedade da norma culta, ocorre uma mudança significativa, decorrente da expressividade própria das variedades eminentemente orais, passando a usar com frequência os pronomes pessoais retos.

É preciso lembrar que os morfemas número-pessoais não são propriamente verbais, porque não se relacionam diretamente com o conteúdo semântico do verbo (CÂMARA JR, 1985, p 97). Enquanto os modo-temporais indicam o modo, o tempo e, de alguma forma, o aspecto, próprios do conteúdo verbal, os número-pessoais relacionam esse conteúdo verbal com o *sujeito*, a quem se atribui o que o verbo expressa, remetendo-o às pessoas do discurso, sem contudo modificá-lo de qualquer maneira. Desse caráter extrínseco decorre a facilidade com que os morfemas número-pessoais são eliminados, principalmente na modalidade oral. Assim, na linguagem popular do Brasil encontram-se *eu*



amo, tu ama, ele ama, nós ama, eles ama. Entretanto, há línguas, como o inglês e, em parte, o francês, que perderam todo ou em parte o conjunto dos morfemas número-pessoais, substituídos pelo uso dos pronomes retos correspondentes. Havia frequentemente duplicidade na indicação desse fato e a maior clareza obtida pela enunciação do pronome levou à supressão daqueles morfemas. Sob esse ponto de vista, é até surpreendente que a língua Romance, de caráter mais analítico, tenha mantido, em boa parte e umas mais que outras, o sistema flexional herdado do latim.

De acordo com Câmara Jr.(1985, p. 98) a estrutura das formas verbais é fixa, isto é, a sequência dos morfemas é sempre a mesma, não havendo qualquer possibilidade de inversões: raiz ou radical, vogal temática, morfema modo-temporal, morfema número-pessoal e, no latim, morfema da passiva.

As formas passivas do *infectum* na verdade eram caracterizadas por um /-r/ sufixal, como último elemento, com exceção apenas da segunda pessoa do plural que tem o sufixo especial -mini; as demais apresentam o /-r/ característico sem modificações, como amor (“sou amado”), ou com as vogais de apoio ou de

transição /-i-/ ou /-u-/ para desfazer encontros consonânticos de difícil articulação em *amaris, amatur* e *amatur*, ou ainda pela supressão do /-s/ em *amatur*. Notável é a formação da segunda singular, em que o /-s/ distintivo se pospõe ao morfema da passiva, com um /-i-/ de apoio, aspectos únicos nessa conjugação, como em *amaris*, torneio pelo qual a língua manteve o morfema /-s/ em posição final, distintivo número-pessoal da segunda pessoa singular. (BASSETTO, 2001).

No latim vulgar, porém, e conseqüentemente nas línguas romances, as formas sintéticas da passiva foram abandonadas, tendo sido substituídas por outras analíticas, por analogia com as construções do *perfectum*, em um processo de redistribuição em que o auxiliar passou a indicar o tempo e o modo, bem como o número e a pessoa.

O verbo nas línguas romances, portanto, não conservou vestígios da conjugação latina sintética passiva. A perda de seus morfemas próprios unificou o sistema, forçando o aparecimento das formas analíticas segundo o modelo da passiva do *perfectum*. Na voz ativa, porém, os morfemas número-pessoais sempre são os últimos elementos da





estrutura, de modo geral e uniforme. As línguas romances, umas mais e outras menos, conservaram esses morfemas, ainda que com modificações. Tomando como exemplo o presente do indicativo latino, sem dúvida um dos mais usados em todos os níveis, temos: *cant-o, cant-a-s, cant-a-t. cant-a-mus, can-a-tis, cant-a-nt*. O radical *cant-* (da raiz *can-* de *canere*) não sofre nenhuma mutação. A vogal temática /-a-/ é sincopada apenas na primeira pessoa singular, eliminando-se o hiato. Por ser um tempo primitivo, as formas do presente do indicativo não têm morfema modo-temporal, em geral característica das formas derivadas. Mas o número e a pessoa são indicados positivamente por morfemas bem definidos: *-o, -s, -t, -mus, -tis, -nt*.

As línguas romances conservaram esse sistema dos morfemas número-pessoais com modificações e adaptações mais ou menos profundas. Nos próximos tópicos, veremos alguns aspectos que favorecem a variação da concordância verbal no português

brasileiro, tanto aspectos linguísticos quanto aspectos não linguísticos.

Variáveis internas ao sistema linguístico que favorecem a variação da concordância verbal

Ao contrário da linguística histórica e dos estudos diacrônicos, a maioria (se não todos) os estudos de variação linguística referente à concordância verbal têm como base a língua oral, a língua em uso estudada sincronicamente, que se reflete na escrita, principalmente em fase inicial de escolarização. Conforme estudos sociolinguísticos de Lemle e Naro (1977) ao se referirem à variável morfológica, os resultados indicam que o uso da regra pelos informantes relaciona-se diretamente com o grau de saliência fônica entre a forma singular e plural dos verbos e a posição do sujeito. Em relação ao grupo de fatores de saliência fônica, os autores verificaram que a oposição não acentuada desfavorece a concordância, enquanto que a posição acentuada favorece a concordância. Vários estudos realizados por Lemle e Naro (1977), Naro (1981), Scherre e Naro (1997) (*apud* SCHERRE, 1998, p. 45) demonstraram que as formas mais



salientes tendem a ser mais marcadas do que as menos salientes, isto é, os falantes percebem que alguma coisa parece soar estranha quando as oposições são mais significativas e com isso a ocorrência explícita de marcação do plural é mais frequente, ou seja, os elementos morfofonêmicos interferem na concordância: “a condição de tônica, pretônica, postônica não-final e postônica ou átona final altera fonologicamente o vocalismo português.” (CÂMARA JR. 1985, p. 106). O grupo de fatores referente à saliência fônica tem por base os critérios preestabelecidos por Naro (1977), que trata da presença ou ausência de acento na desinência e da quantidade de material fônico que diferencia a forma singular da forma plural e a terminação dos verbos que identificam as pessoas gramaticais.

Para a variável posicional, a posição em que o sujeito estava imediatamente antes do verbo favoreceu a concordância do verbo, opondo-se à posição em que o sujeito estava posposto ao verbo bem como a distância do sujeito em relação ao verbo. Segundo Naro & Scherre (1999, 2000), quando o sujeito está posposto ao verbo, há uma tendência de ser encarado como objeto pelo falante e por isso a regra de

concordância deixa de ser aplicada, já que passa a não ser considerado como sujeito da sentença. Outro fator significativo é a animacidade e a não animacidade do sujeito: quanto menos animado for o sujeito maior a tendência de variação e não concordância opondo-se ao sujeito mais animado. A animacidade do sujeito está relacionada ao traço semântico [+ humano] e [- humano]. Se o sujeito faz referência a um ser humano, ou a um ser animado, maior é a probabilidade de uso da regra de concordância verbal.

Na análise dos dados das entrevistas, os fatores linguísticos observados foram: a posição do sujeito em relação ao verbo se era anteposto ou posposto, o traço humano do sujeito [+humano] e [-humano], a saliência fônica [+saliência] e [-saliência]. É importante ressaltar que, no português brasileiro escrito e revisado, não ocorre variação com sujeito simples plural: é bem difícil isso ocorrer. Esta variação pode ocorrer quando o núcleo do sujeito é plural. Via de regra, a concordância de número verbo/sujeito é regida pelo traço morfológico de número do núcleo do sujeito. Scherre & Naro (2007) apontam outras condições, como, por exemplo,





sintagma nominal encaixado, mas aqui não trataremos desse aspecto.

Dizemos que há concordância quando o sujeito está concordando com o verbo, por exemplo, em: “Os outros filhos nasceram aqui”, e dizemos que não há concordância quando o sujeito e o verbo não obedecem às mesmas regras, por exemplo, em: “As pessoa fazia festa”. Observaremos nas tabelas a seguir os resultados obtidos da análise dos dados em relação à concordância e a não concordância.

Quanto ao fator posição do sujeito: o fator posição do sujeito diz

respeito ao local da sentença em que o sujeito está situado em relação ao verbo da mesma sentença. Há, portanto, anteposição em: “*elas não moram com a gente*”, em que *elas*, na posição de sujeito, está expresso antes do verbo morar. Há posposição do sujeito em: “*Faltam coisas que é de responsabilidade municipal*” em que *coisas* é o sujeito do verbo faltar, e, está expresso na sequência da sentença depois do verbo.

Em relação a este fator, posições do sujeito, observam-se os seguintes resultados:

Grupo	Não concorda	Concorda	Total	Porcentagem
Anteposto	58	174	232	86
%	25	75		
Posposto	24	13	37	13
%	64	35		
Total sentenças	71	198	269	
	26%	73%		

Tabela 04: concordância e posição do sujeito

Em um total de duzentos e sessenta e nove sentenças analisadas, cento e noventa e oito apresentaram concordância e setenta e uma não, sendo deste total duzentas e trinta e duas sentenças com sujeito anteposto e apenas trinta e sete com sujeito posposto, desses índices, observamos que, quando o

sujeito está anteposto, setenta e cinco por cento apresentam concordância e vinte e cinco por cento não apresentam. Ao contrário, quando o sujeito está posposto ao verbo, encontramos sessenta e quatro por cento de não concordância e trinta e cinco por cento de concordância, confirmando assim a hipótese de que



o sujeito posposto ao verbo desfavorece a realização de concordância em P6. Quanto ao fator saliência, os dados apresentam os seguintes resultados:

Grupo	Não concorda	Concorda	Total	Porcentagem
Mais tonicidade	17	86	103	38
%	16	83		
Menos tonicidade	54	112	166	61
%	32	67		
Total sentenças	71 26%	198 73%	269	

Tabela 05: concordância e saliência fônica

Constata-se que, das cento e três sentenças em que os verbos apresentam maior tonicidade, o índice de concordância é oitenta e três por cento e a não concordância é de dezesseis por cento. Por conseguinte, das cento e sessenta e seis sentenças em que os verbos apresentam menor tonicidade, os índices caem, embora a concordância ainda seja maior que a não concordância, temos sessenta e sete por cento de concordância e trinta e dois por cento de não concordância, confirmando assim a nossa hipótese de que, quanto maior a tonicidade, maior o índice de concordância.

Os estudos de Naro (1981) já faziam alusão a este traço linguístico e afirmavam que a presença ou a ausência de acento na desinência e a quantidade de material fônico que diferencia a forma singular da forma plural interferem na concordância verbal. Os dados de Monguilhott (2001) ao pesquisar variação de concordância verbal de terceira pessoa também apontam para a mesma direção.

Em relação ao fator: traço humano do sujeito [+ humano] e [- humano] observam-se os seguintes resultados:





Grupo	Não concorda	Concorda	Total	Porcentagem
[+ humano]	30	146	176	65
%	17	82		
[- humano]	41	52	93	61
%	44	55		
Total sentenças	71 26%	198 73%	269	

Tabela 06: concordância e traço do sujeito

Ao observar o traço humano do sujeito, constata-se que em oitenta e dois por cento dos casos em que o sujeito apresenta o traço [+humano] ocorre concordância, diferenciando-se do traço [- humano] que cai para cinquenta e cinco por cento a concordância. Este dado vai para a mesma direção dos estudos de Scherre & Naro (1998) e Naro & Scherre (2000). Os autores evidenciaram que, se o sujeito plural for [-humano], a presença de marca de plural no verbo é menos provável e, se [+humano], o plural explícito é mais provável.

Variáveis externas ao sistema linguístico que favorecem a variação da concordância verbal

Para além dos elementos responsáveis pela variação, tanto apresentados pelos estudos diacrônicos quanto pelos estudos sincrônicos, da estrutura interna da língua, os estudos de variação

linguística indicam que é possível perceber a existência de muitos fatores sociais que podem interferir no processo de variação da língua.

Ao se tratar de variação de concordância verbal, no entanto, a maioria dos estudos aponta para a idade dos sujeitos, o grau de escolaridade dos mesmos, a localização geográfica, ou seja, as características da comunidade de fala, seu poder econômico, suas influências sociais mais amplas ou mais restritas, seu poder político, o contato com a mídia e o sexo. Lemle e Naro (1977), Naro (1981), Scherre e Naro (1997) constataam que sujeitos com maior tempo de escolarização apresentam uma menor variação e fazem mais concordância verbal, se comparados a sujeitos menos escolarizados, e que pessoas mais velhas, ou adultas que estão no mercado de trabalho, também tendem a fazer mais concordância e apresentar menor variação de acordo



com a gramaticalidade da variante aqui, apenas os fatores idade e padrão do português brasileiro. Como escolaridade.

fatores não linguísticos, observamos Em relação ao fator idade:

Grupo	Não concorda	Concorda	Total	Porcentagem
Mais idade	48	95	143	53
%	34	66		
Mais jovem	23	103	126	46
%	18	82		
Total sentenças	71 26%	198 73%	269	

Tabela 07: Concordância e idade dos sujeitos.

Em um total de duzentos e sessenta e nove sentenças analisadas, cento e noventa e oito apresentaram concordância e setenta e uma não. O grupo com mais idade apresentou um índice de sessenta e seis por cento de concordância e trinta e quatro por cento de não concordância. O grupo mais jovem apresentou oitenta e dois por cento de concordância e dezoito por cento de não concordância. Isso posto, podemos verificar que, conforme havíamos previsto em nossa hipótese inicial: sujeitos mais velhos realizam mais concordância em P6 não se confirmou.

Em relação ao fator escolaridade, embora o índice de concordância seja alto, tanto no grupo de sujeitos com Ensino Fundamental, quanto no grupo de sujeitos com Ensino Superior, podemos perceber uma porcentagem maior de concordância no grupo dos sujeitos com Ensino Superior:

Escolaridade:

Grupo	Não concorda	Concorda	Total	Porcentagem
Fundamental	54	65	119	44
%	45	54		
Superior	17	133	150	55
%	11	88		
Total sentenças	71 26%	198 73%	269	

Tabela 08: Concordância e escolaridade dos sujeitos



Nas duzentas e sessenta e nove sentenças analisadas, cento e noventa e oito apresentaram concordância e setenta e uma não, sendo cento e dezanove sentenças do grupo com Ensino fundamental e cento e cinquenta do grupo com Ensino Superior. O grupo com Ensino fundamental teve um índice de cinquenta e quatro por cento de concordância e quarenta e cinco por cento de não concordância. O grupo com Ensino Superior apresentou um índice de oitenta e oito por cento de concordância e onze por cento de não concordância, comprovando assim nossa hipótese inicial de que quanto mais escolarizados os sujeitos maior é o índice de concordância verbal em P6.

Considerações finais

Ao estudar concordância verbal, o que se percebe é que os verbos são ricos em possibilidades e, ao mesmo tempo, ricos em particularidades. Ao concluir este estudo, verificam-se, a partir dos dados analisados, que são relevantes para a variação da concordância verbal, tanto os aspectos não linguísticos quanto os aspectos linguísticos. Os dados linguísticos controlados vão na mesma direção de

outras pesquisas realizadas, Lemle e Naro (1977), Naro (1981), Guy (1981), Bortoni-Ricardo (1981, 1985, 2002, 2005), Baxter e Lucchesi (1993). Na região sul, especificamente em Florianópolis, a primeira pesquisa realizada sobre variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural foi realizada por Monguilhott em 2001, reforçando que em relação ao traço, o [+humano] favorece a maior concordância e o traço [-humano] favorece a ocorrência de não concordância. A posição do sujeito antes do verbo também favorece a concordância e a posição depois do verbo favorece a ocorrência de não concordância. O mesmo ocorre com o grupo saliência fônica quanto [+saliência] maior a concordância, quanto [-saliência] menor a ocorrência de concordância.

Em relação aos fatores não linguísticos, os resultados das pesquisas sobre concordância verbal indicam como significativos: a escolaridade do sujeito, a idade do sujeito, o sexo e a ocupação. Sujeitos mais escolarizados, mais velhos e profissionalmente ativos em profissões de maior evidência social e maior contato com cargos denominados importantes socialmente (advogados, apresentadores de



telejornal, dentistas, médicos, cargos políticos, etc.) tendem a realizar menos variação e não concordância. Nesta pesquisa não consideramos o fator sexo/gênero. Em função de nossos sujeitos mais velhos não se

tratarem de pessoas com esses traços ocupacionais, a nossa hipótese em relação à idade não se confirmou, tal ocorrência também se manifestou nos estudos de Monguilhott em 2001, talvez pelo mesmo motivo.

THE VERBAL AGREEMENT VARIATION IN P6 SPEAKS OF THE FLORIANOPOLITANOS OF PRAIA DOS INGLESSES

Abstract

This article is a brief research about the verbal agreement variation of third person of plural in the speech of dwellers from Ingleses in the city of Florianópolis, situated in the north part of the Island of Santa Catarina. Based on the theoretical framework of variationist sociolinguistics, we analyze factors that constrain the variation of this phenomenon in researched. Data analyzed come from six interviews, some from a data bank from VARSUL (3) and others (3) carried out by students from the graduate studies in linguistics, performed under identical conditions of data collection from Project VARSUL. We found out that the phenomenon of variation of verbal agreement of the third person of plural seems to occur due to linguistic factors as well as to social factors.

Keywords: Variation. Verbal agreement. Linguistic/social factors.

Artigo submetido para publicação em: 28-01-2013

Aceito em: 24-07-2014

REFERÊNCIAS:

BAGNO, Marcos (org.) *Linguística da Norma*. São Paulo: Edições Loyola, p.333-350, 2002.

BASSETTO, B. F. *Visão Diacrônica Da Flexão Verbal Românica*. São Paulo: USP. 2001. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(22\)02.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(22)02.htm)>. Acesso em: 07 dez 09.



BAXTER, Alan N. & LUCCHESI, Dante. 1993. **Processos de descrioulização no sistema verbal de um dialeto rural brasileiro**. *PAPIA* 2(2). 59-71.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola, e agora?** *Sociolingüística & educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **Um modelo para a análise sociolingüística do português do Brasil**. In: CÂMARA JR, J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. ed.15. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

_____. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

_____. **Dicionário de Linguística e Gramática**. Petrópolis: 26.ed. Vozes. 2007.

CARTARINO, D **Concordância Verbal**. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/fovest/concordanciaverbal.shtml>. Acesso em: 19 abr. 10.

_____. **Dicas de Gramática**. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/fovest/concordanciaverbal.shtml>. Acesso em: 19 abr. 10.

CORÔA, M. L.M.S. **O tempo nos verbos do português**. São Paulo: Parábola. 2005.

FIORIN, J. L. **As astúcias da Enunciação, as categorias de pessoa, espaço e tempo**. 2 ed. São Paulo: Editora Ática. 2008

GUY, G. R. 1998. **Varbrul: Análise avançada**. *Cadernos de Tradução*. 2.ed. 1, Porto Alegre, UFRGS. 25-46 [Tradução de A. M. Stahl Zilles]



_____. 1981. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese: Aspects of the phonology, syntax and language history**. Philadelphia: PhD Dissertation, University of Pennsylvania.

LEMLE, M. & NARO, A. J. **Competências básicas do Português**. Relatório Final apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro (MOBRAL) e Fundação FORD, Rio, 1977.

LEMLE, M. **Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa**. Revista Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, n. 53/54, 1978.

MONGUILHOTT, I. de O. e S. **Variação na concordância verbal na terceira pessoa do plural na fala de florianopolitanos**. Florianópolis. 2001. Dissertação de Mestrado em Linguística. UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

MONTEIRO, J.L. **Morfologia Portuguesa**. ed.4. Campinas: Pontes. 2002

NARO, A. J. & LEMLE, Miriam. **Syntactic diffusion**. *Ciência e Cultura*, v. 29, nº 3 pp. 259-68, 1977.

NARO, A. J. **The social and structural dimensions of a syntactic change**. *Language*. LSA, 57(1): 63-98, 1981.

NARO, A. J. & SCHERRE, M. M. P. **Variação e Mudança Linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala**. In: *Cadernos Estudos Linguísticos Campinas* (20): 9-16, Jan/Jun. 1991.

RODRIGUES, A. C. S. **Concordância Verbal, Sociolinguística E História Do Português Brasileiro – Universidade de São Paulo**. 2004. Publicado no Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 4, n.1 (115-145), julho de 2004

RODRÍGUEZ, A. M. **Breve Histórico Da Geografia Linguística**. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4\(10\)42-53.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4(10)42-53.html)>. Acesso em: 16 nov. 09.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola, 2005. Scherre & Naro – 2007 A sair em Braga M. L. & Paiva, M. da C. de. (orgs.) *Variação na fala e na escrita: estudos comparativos*.